



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENACAO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

GISELE BONAZZA DE CARVALHO

**O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DE VÍTIMAS
DE DESASTRES: PREVENÇÃO DO LUTO TRAUMÁTICO**

Ilhéus - Bahia
2021

 **FACULDADE DE ILHÉUS**  **CESUPI**
COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENACAO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA

GISELE BONAZZA DE CARVALHO

**O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DE VÍTIMAS DE
DESASTRES: PREVENÇÃO DO LUTO TRAUMÁTICO**

Monografia (Artigo científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, com a orientação do Prof. Marcos Aurélio Lordão Rocha.

Ficha Catalográfica
(feita pela Bibliotecária após a aprovação do trabalho)

**O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DE VÍTIMAS DE
DSASTRES: PREVENÇÃO DO LUTO TRAUMÁTICO**

GISELE BONAZZA DE CARVALHO

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Marcos Aurélio Lordão Rocha
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Orientador)

Prof. Me. Coordenador Lahiri Lourenço Argollo
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador I)

Prof. Me. Paulo Tadeu Ferreira Teixeira
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador II)

À você, que devia estar aqui...

Agradecimento:

O tema surgiu em uma aula, mas não era exatamente o que eu queria dizer...Após a perda da minha mãe e a vivência do meu luto, entendi que esse seria o caminho. Como vivo num contexto paralelo à psicologia, em que um desastre é sempre uma triste possibilidade, decidi juntar os dois temas e nomear a monografia que aqui está. Agradeço imensamente às pessoas mais especiais da minha vida por terem me apoiado e acreditado em mim. À minha mãe que, onde quer que esteja, sei que está orgulhosa, aos meus filhos que mesmo achando graça das teorias aplicadas à vida deles de maneira experimental, sempre me encorajaram. Ao meu marido que com sua enorme paciência, suportou meu humor inconstante e me acalmou quando achei que não conseguiria. À minha equipe que me deu imenso suporte e ao meu orientador, que com sua imensa sabedoria e seu olhar humano me ajudou a concluir este trabalho. Como diria minha mãe:- “Obrigada, obrigada, obrigada...”

*“Você não pode evitar que os pássaros da tristeza voem sob sua cabeça,
Mas pode sim, impedir que façam ninho em seus cabelos.”
Provérbio Chinês*

O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DE VÍTIMAS DE DESASTRES: PREVENÇÃO DO LUTO TRAUMÁTICO

Gisele Bonazza de Carvalho¹

RESUMO

É um fato que as catástrofes, evitáveis ou não, afetam imenso número de pessoas, trazendo desequilíbrio social, financeiro e mental. Um desastre não afeta apenas as vítimas mas também seus familiares e, dependendo de sua natureza, toda uma sociedade. Este trabalho propõe-se a demonstrar não só a necessidade de acolhimento imediato às pessoas envolvidas mas também de que forma a Psicologia, no âmbito dos desastres e emergências, pode contribuir para a prevenção do luto traumático. Os principais teóricos estudados foram Colin Murray Parkes (2009) por seus livros sobre luto, Maria Helena Franco (2015) por seus estudos sobre atuação do psicólogo em desastres e Olavo Sant'Anna Filho (2017) por suas práticas de psicologia em redução de riscos de desastres. A partir da revisão bibliográfica de artigos, livros e periódicos científicos, foi possível verificar que a intervenção adequada do psicólogo nestas situações, além de imprescindível, traz ações com resultados positivos na prevenção de complicações do luto.

Palavras-chave: Catástrofe. Desastre. Luto. Prevenção. Acolhimento.

PSYCHOLOGICAL WELCOME TO FAMILY MEMBERS OF DISASTER VICTIMS: PREVENTION OF TRAUMATIC MOURNING

ABSTRACT

It is a fact that disasters, preventable or not, affect huge numbers of people, bringing social, financial and mental imbalance. A disaster affects not only the victims but also their families and, depending on its nature, an entire society. This work proposes to demonstrate not only the need to immediately welcome the people involved, but also how Psychology, in the context of disasters and emergencies, can contribute to the prevention of traumatic grief. The main theorists studied were Colin Murray Parkes (2009) for his books on grief, Maria Helena Franco (2015) for her studies on the role of the psychologist in disasters and Olavo Sant'Anna Filho (2017) for his psychology practices in risk reduction of disasters. From the bibliographical review of articles, books and scientific journals, it was possible to verify that the necessary intervention of the psychologist, in addition to being essential, brings actions with positive results in the prevention of complications of grief.

Keywords: Catastrophe. Disaster. Mourning. Prevention. Reception.

¹ Discente do 9º semestre do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. E-mail: gibonazza@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o mundo tem sido surpreendido por inúmeros eventos catastróficos, seja por consequência do processo de mudanças climáticas ou pelo crescimento da população e das densidades urbanas, deixando o ser humano vulnerável às consequências muitas vezes destruidoras. De acordo com Sant'Anna Filho (2017), os efeitos devastadores desencadeados pelas forças da natureza, ou causados pelo homem tem sido a causa da morte e do deslocamento de milhões de pessoas em todo o mundo. É possível perceber, através dos meios de comunicação, o terror estampado nos rostos das pessoas envolvidas na tragédias, desastres, massacres, genocídios, conflitos armados e pandemias.

Sabe-se que as emergências são eventos inesperados que vão comprometer a vida e a integridade física de uma ou mais pessoas envolvidas, exigindo intervenção imediata e especializada que deve ser prestada através das equipes de primeiros socorros e para isso, este atendimento será o suficiente. Por outro lado, os desastres, trazem alterações intensas nas vítimas, bens, serviços e meio ambiente atingido. Alterações estas que podem exceder a capacidade de resposta da comunidade afetada (ALAMO, 2007). Por ser um evento inesperado, há uma ruptura na vida das pessoas afetadas, desencadeando transtornos importantes (TORLAI, 2010). Seja ele um fenômeno natural ou causado pela ação do ser humano, pode gerar um distúrbio que, dependendo de seu alcance, o país afetado pode precisar de ajuda externa para se reconstruir. O desastre pode acometer vários membros de uma mesma família ou uma comunidade inteira, portanto o luto destes familiares pode se tornar traumático pois normalmente tende a ser bem mais agressivo que os demais processos de luto.

A vivência emocional do luto não se dá de forma linear, existem diferenças entre as pessoas, nem todos os sintomas e nem todas as fases do luto são vivenciadas por todas as pessoas da mesma maneira. A intensidade do pesar, e a duração de cada fase são muito particulares e dependerão de uma série de fatores relacionados a cada indivíduo (TORLAI, 2010, p. 46).

Segundo Alamo (2007), a psicologia no âmbito das emergências e desastres se apresenta como uma nova especialidade, como uma consequência lógica de múltiplos estudos e experiências que demonstram que tais eventos não somente causam a perda de vidas, atentam contra a integridade física das pessoas e provocam danos materiais e perdas econômicas, mas também desencadeiam um profundo impacto emocional nas pessoas, nas comunidades, nas equipes de primeiros socorros, que pode durar muito tempo e interferir na

posterior reconstrução da comunidade afetada; tais consequências foram chamadas, até mesmo de “o segundo desastre”.

Tendo em vista que a psicologia nos desastres tem evoluído e se faz presente nestes eventos, e que o luto traumático é uma das consequências psicológicas que afeta as famílias das vítimas, o presente trabalho tem a finalidade de apresentar de que forma é possível que o psicólogo, na atuação de desastres e emergências, possa realizar o acolhimento dos familiares das vítimas dos desastres, a fim de promover a prevenção do luto traumático.

Neste sentido, o objetivo geral é identificar qual a importância do acolhimento psicológico às famílias de vítimas de desastres para a prevenção do luto traumático. Os objetivos específicos são: apresentar o desastre e suas consequências psicológicas; descrever o processo de elaboração do luto; identificar o luto traumático em situação de desastres; demonstrar a importância do fazer do psicólogo no âmbito dos desastres e na prevenção do luto traumático.

Assim, será possível compreender a importância do acolhimento psicológico às famílias das vítimas de desastres, uma vez que eventos dessa magnitude podem causar sequelas emocionais que podem se instalar por muito tempo, desenvolvendo um luto traumático, que por seu caráter diferenciado, é produto de uma perda inesperada e violenta. Podendo se constituir numa experiência ainda mais dolorosa se a família perder mais de um membro da família no desastre e se ainda, pela natureza do acontecimento, os rituais de despedida não forem possíveis.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho o método escolhido foi a pesquisa bibliográfica de referenciais teóricos publicados sobre o tema. Os livros “O psicólogo na redução dos riscos de desastres”, “Amor e Perda”, “Luto, estudos sobre a perda na vida adulta”, “Intervenção psicológica em emergências”, “Luto como experiência vital”, “A vivência do luto em situações de desastres naturais”, foram consultados e serviram como base para a pesquisa. Artigos foram pesquisados nas plataformas Scielo e Pubmed através dos termos: psicologia dos desastres e emergências, luto traumático, luto complicado, luto decorrente de desastres, atuação do psicólogo nos desastres e emergências. Desta pesquisa foram selecionados doze artigos eletrônicos publicados entre os anos de 2007 e 2021, período este que contempla maior produção literária em decorrência de maior incidência de desastres. Também foram consultados os *sites* do Ministério do Desenvolvimento e da Defesa Civil afim de buscar

informações sobre a atuação dos agentes de primeira resposta. Foram excluídos artigos acerca do luto pela COVID-19 por se tratar de luto específico cuja as consequências ainda se encontram em estudo.

Esta pesquisa é composta por quatro tópicos que compõem o tema central. O primeiro tópico trata sobre o que é um desastre bem como quais são as suas consequências. O segundo, refere-se ao processo de elaboração do luto e suas características. O terceiro tópico relata como se dá o luto traumático no desastre, de que forma um luto comum pode ganhar proporções patológicas tornando-se um luto complicado, o quarto e último tópico, vai demonstrar como o psicólogo atua no âmbito dos desastres e emergências e ainda, de que forma pode atuar para prevenir o aparecimento do luto traumático.

3 MANEJO DO LUTO TRAUMÁTICO EM SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES

3.1 O desastre e suas consequências psicológicas

Segundo Franco (2015), os envolvidos no desastre são as vítimas fatais, os sobreviventes que podem estar feridos ou não, com sequelas ou não, desabrigados, desaparecidos e psicologicamente afetados. Podem ser também membros da família, amigos íntimos, as testemunhas da ocorrência, bem como os profissionais da saúde, voluntários, cuidadores, comunidade, imprensa e o governo.

Os desastres podem ser classificados em naturais ou tecnológicos. Os desastres naturais são subdivididos em: desastres biológicos que se referem à pandemias e infestações de insetos; desastre geofísicos referentes à tsunamis, terremotos e erupções vulcânicas, deslizamentos de pedras e encostas; desastres climatológicos que englobam os fenômenos de temperaturas extremas, secas e incêndios florestais e os desastres meteorológicos que são as tempestades, tufões, ciclones e etc. Os desastres tecnológicos, estão relacionados à fenômenos provocados direta ou indiretamente por ações humanas, são eles: desastres industriais referentes ao derramamento químico, explosões, incêndios, vazamentos de gás ou fluidos nucleares. Os desastres com transportes envolvem os eventos com transporte aéreo, marítimo, rodoviário ou ferroviário. Por fim, temos os desastres diversos que vão fazer referência aos eventos relacionados com colapsos de edificações e barragens, explosões e incêndios urbanos (CENAD, 2020).

Ainda segundo o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres - CENAD (2020), não é possível evitar a ocorrência de fenômenos naturais, mas através de medidas de prevenção e preparação. É possível minimizar seus impactos, evitando assim que se tornem desastres de grandes proporções. Estas ações salvam vidas e resguardam o patrimônio público e privado uma vez que a recuperação das áreas afetadas é bastante onerosa social e economicamente ao país.

De acordo com Alamo (2007), estudos para a gestão de emergências e desastres de forma sistemática, começaram muito recentemente, utilizando uma sequência cíclica com estágios que são inter-relacionados conhecidos como prevenção, mitigação, preparação, alerta, resposta, reabilitação e reconstrução. Cada um destes estágios pode ser agrupado em três fases de estudo que são: o antes, durante e o depois. Estas fases estão interligadas e uma precede a outra, exigindo implementação de técnicas e estratégias específicas de trabalho que vão desde de utilização de tecnologia para monitorar vulcões e falhas geológicas até a implementação de estratégias psicossociais para conscientização da população em risco, além de informar e compreender o comportamento da população diante de alarmes e durante o impacto, bem como reconstruir redes de apoio social pré-existentes.

Tradicionalmente, os aspectos emergenciais mais abordados e priorizados em um desastre são: a atenção médica imediata, aspectos de infraestrutura local em saúde e seus recursos, aspectos de saneamento básico e o risco de uma epidemia. Porém, as principais estratégias nas ações psicossociais no período pós-desastre não estão nos serviços especializados em saúde, mas no fortalecimento da rede de atenção primária, na ação dos agentes comunitários de saúde e dos moradores voluntários, que são os contatos mais próximos a comunidade e que elevam em muito o nível de resolutividade das ações. Existe aqui uma perda de amplitude muito maior do que danos materiais. É uma perda simbólica, perda identitária, que envolve aspectos objetivos e subjetivos das trajetórias de vida, individuais e coletivas (BENEVIDES 2015, p. 20).

A gestão integrada é o trabalho de mapear determinadas comunidades, os grupos expostos e os riscos existentes para que sejam elaborados programas, planos e medidas para prevenir e mitigar quaisquer possibilidades de desastres relativos à esta exposição. Para Sant'Anna Filho (2017), os riscos e os desastres vão demandar ações interdisciplinares que articulem diferentes saberes, sobretudo aqueles advindos das populações nas áreas de risco pois são estas pessoas que vivem a iminência do desastre no seu cotidiano. Estas pessoas precisam estar preparadas para lidar com estas situações, prontas para participar das decisões que serão tomadas em relação às suas próprias vidas. Para o autor, são os países mais pobres os mais vulneráveis aos desastres uma vez que vão depender prioritariamente dos recursos naturais e têm menos condição de lidar com eventos negativos quando eles ocorrem.

É importante ressaltar que nas situações de desastres, uma sociedade civil dinâmica e organizada é importante para aprimorar a qualidade da assistência externa e ajuda a reduzir as falhas que ocorrem por falta de informação, má avaliação das necessidades e por planos inadequados de ajuda. Deve haver um preparo da sociedade para que ela possa estar organizada, informada e preparada para de fato auxiliar e contribuir no processo de proteção e defesa civil, seja para prevenção, preparação, resposta ou reconstrução na fase de pós-desastre (SANT'ANNA FILHO, 2017). Conforme Franco (2015), é muito comum que os indivíduos submetidos a esse tipo de situação fiquem desorganizados, vivenciando intenso sofrimento, com prejuízos no funcionamento familiar, social e ocupacional.

Para Melo e Santos (2011), uma peculiaridade dos desastres atualmente é que devido ao avanço da tecnologia, não são sofridos apenas por uma comunidade específica, mas por toda uma nação e até mesmo o mundo já que a rapidez da difusão dos meios de comunicação, principalmente a internet, vão proporcionar a divulgação quase em tempo real dos fatos. Esta veiculação imediata, inevitavelmente abala o mundo inteiro e por vezes, o indivíduo telespectador sente-se ameaçado acreditando que algo semelhante pode lhe ocorrer a qualquer hora, diminuindo assim o seu senso de proteção e invulnerabilidade.

Sobre as consequências da velocidade de divulgação dos desastres na mídia, Franco (2015) postula que a medida em que a notícia se espalha, a desorganização diante da crise aumenta. Os parentes, amigos, expectadores, começam a chegar ao local da ocorrência em busca de informações de seus amigos e parentes que podem ou não estar envolvidos. Esta situação causa enorme ansiedade e angústia, os familiares sentem-se sob forte impacto emocional, podem ser assediados pela imprensa, sendo então expostos ao abuso de sua imagem e de seu sofrimento. Nesse sentido Franco (2015) relata que é um grande desafio para o psicólogo, se aproximar dos familiares no momento de crise.

3.2 O processo de elaboração do luto

A morte é uma realidade a qual nenhum de nós está habituado. Envolve muitos tabus, é uma certeza que gera negação, aversão e medo. De acordo com Souza (2016), as perdas fazem parte do desenvolvimento humano. A morte do outro traz a consciência do nosso próprio fim, portanto, muitas vezes é mais temida que a própria morte. Nesse aspecto, Guerreiro (2014), descreve que ainda que o homem tenha procurado nos mitos e na religião alguma respostas para explicar a morte e seu sentido, independentemente de sua origem sócio-geográfica-cultural, o homem não suporta a ideia de que, depois da morte, não há nada.

Então, como forma de luta contra o nada, buscou nas mitologia, ritos e outros processos mágicos e pragmáticos uma forma de esconder a mudança na natureza do corpo afim de evitar confronto com a sua decomposição, destruição irreversível que lhe coloca diante de sua finitude. Ao se deparar com a morte instaura-se o medo do desconhecido, da solidão, do desamparo e principalmente o medo do abandono. “Vivemos de perder e abandonar, e de desistir. E mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor sofrimento, todos nós compreendemos que a perda é, sem dúvida, uma condição permanente da vida humana” (VIORST 1988, p. 243).

Para Worden (2013), antes que se possa compreender o impacto de uma perda bem como o comportamento humano referente a ela, deve-se entender o significado do apego, como surge e de que forma se desenvolve. O Psiquiatra John Bowlby foi a figura pioneira neste campo e formulou a Teoria do Apego. Bowlby (1977), discorre que ele surge com a necessidade de segurança, desenvolve-se precocemente na vida, costuma ser dirigido a indivíduos específicos e tende a resistir por grande parte do ciclo da vida. Quando a figura do apego desaparece ou é ameaçada, a resposta é uma ansiedade intensa e um forte protesto emocional. Se o objetivo é manter o vínculo afetivo, situações que colocam em risco esse vínculo vão dar origem a algumas reações bastante específicas. Quanto maior o risco da perda, mais intensas e variadas serão essas reações.

Bowlby (BASSO E WAINER, 2011), em seus estudos, observou quatro fases para o luto que ele descreveu como sendo: a primeira fase que diz respeito ao entorpecimento, fase do choque, da negação, que pode durar de horas a uma semana. Segunda fase, a do anseio, marcada pelo desejo de recuperar o ente querido, de trazê-lo de volta. É nesta fase que a ansiedade é instalada no enlutado e que precede a terceira fase, a da desorganização e do desespero, quando o enlutado vai sentir raiva e tristeza por se sentir abandonado pela pessoa que partiu e então se percebe incapacitado de fazer algo a respeito. Por fim, a quarta fase, denominada fase de reorganização, é aquela em que o enlutado começa a se restabelecer e iniciar o processo de adaptação às modificações causadas pela perda, retomando gradativamente suas atividades.

De acordo com Walsh (1998), é preciso que levemos em consideração as múltiplas, flutuantes e conflitantes respostas dos membros do sistema familiar. O processo de luto é bastante complexo, as respostas diferem de membro para membro e ainda podem estar em desacordo. Portanto, o luto vai ser vivido de acordo com o tipo de relação que o enlutado mantinha com o ente falecido. As famílias podem vivenciar uma variedade de sentimentos, dependendo da singularidade de se relacionamento e do significado da morte para o âmbito

familiar. Sendo assim, em diferentes momentos, podem aparecer fortes emoções, sentimentos confusos de raiva, desapontamento, desamparo, alívio culpa e abandono.

Sabe-se que os acontecimentos relacionados ao luto vão influenciar de maneira significativa no modo como a pessoa vai lidar com a situação de perda. Para Cordioli (1998), estes fatores são: a personalidade do enlutado, sua experiência de vida, as perdas vivenciadas anteriormente, sua história emocional prévia, o significado e as circunstâncias da perda, existência ou não de uma rede de apoio social, sua saúde física e mental, bem como outros recursos adaptativos.

Além disso, precisamos compreender o que Parkes (1998), definiu como mundo presumido, sendo aquele que contém tudo o que conhecemos. Nossas impressões do passado, expectativas do futuro, planos, ideias, preconceitos. Qualquer um destes aspectos, mudará forçosamente quando houver uma mudança na vida do sujeito.

Segundo Franco (2015), trabalhar com pessoas enlutadas é identificar claramente em que aspecto o mundo presumido mudou e com o que, a partir disso, a pessoa enlutada pode contar para validar esta mudança e então construir para si um novo significado.

Parkes (1998), afirma que o luto se assemelha a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. Ele explica que como no caso do machucado físico, o “ferimento” aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura pode ser mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. Nesses casos, surgem as condições anormais, que podem ser ainda mais complicadas com o aparecimento de outros tipos de doenças.

O luto, a dor, precisa ser reconhecido como parte de si, da própria realidade, experienciado e vivenciado até esgotar-se. As emoções necessitam ser expressas, quando as expressamos estamos trabalhando para esgotá-las. Conflitos tornados conscientes e plenos de interesses funcionam com um meio de crescimento, trazendo a ruptura de comportamentos estereotipados, destruição, assimilação e a construção de uma nova configuração. A experiência da perda implica em lidar com uma situação diferente que requer a destruição de alguns hábitos para a assimilação de novas formas de ser (SOUSA, 2016, p.11).

De acordo com Franco (2005), se as reações à perda não acontecem conforme o esperado, ou seja, fogem da sintomatologia esperada no processo, desenvolve-se a formação do luto complicado ou traumático. Existem alguns fatores de risco que contribuem para a instalação de um luto traumático, entre eles encontram-se àqueles referentes às circunstâncias da perda: mortes repentinas, violentas; mortes que o enlutado considera prematuras; o tipo de morte; o seu significado, a exploração da mídia. Mortes estigmatizadas ou que causaram

vergonha no meio social, os segredos existentes em relação à morte ou sua causa, a falta dos rituais, a falta de rede de apoio e outras perdas concomitantes à morte.

Para Parkes (2009), o luto em consequência de desastres tem características específicas exatamente por sua natureza. Dentre elas, cabe destacar a dificuldade em localizar e identificar os corpos para que os rituais culturais e religiosos sejam realizados a fim de permitir assim, não exatamente a finalização do luto mas o início do processo em direção à compreensão da perda.

3.3 O luto traumático

O luto é um processo inevitável de elaboração de uma perda, todas as pessoas que perdem um ente querido tendem a passar por este processo. Para Parkes (2009), as reações ao luto incluem muito mais que apenas o pesar, invariavelmente o enlutado passa por outras experiências tais como mudanças importantes na vida e na família, mas o componente essencial para o luto é a experiência de perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido (ansiedade da separação).

Segundo Sousa (2016), o termo luto faz referência aos processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa significativamente importante. O termo pesar refere-se à condição de uma pessoa que está experimentando aflição pela perda.

A verdadeira dor é indizível. Se você consegue falar a respeito de suas angústias está com sorte: significa que não é nada tão importante. Porque quando a dor cai sobre você sem paliativos, a primeira coisa que lhe arranca é a palavra. (...) Falo daquela dor que é tão grande que nem parece nascer de dentro, como se você tivesse sido soterrada por uma avalanche. E está tão enterrada debaixo dessas toneladas de dores pedregosas que não consegue nem falar. Você tem certeza que ninguém vai ouvi-la (MONTEIRO, 2019, p. 17).

Para Parkes (2009), as perdas repentinas trazem ainda mais dificuldade em relação a uma morte que pode ser, de certa maneira, preparada. A mudança drástica pode interferir de tal modo que pode incapacitar o enlutado, desenvolver um funcionamento disfuncional como resposta à perda e se tornar então, um luto complicado. Ainda para Parkes (2009), o luto complicado deve se distinguir dos muitos outros transtornos psiquiátricos que podem agravar o processo de luto, neste sentido, descreve que embora um luto grave tenha muitas características encontradas nos transtornos psiquiátricos, é somente quando este luto se prolonga muito e causa danos às funções da vida normal que pode ser considerado “patológico”.

De acordo com Carnaúba et al. (2016), o luto provocado por situações inesperadas como um desastre possui especificidades que o diferem de um luto provocado por mortes naturais e orgânicas. Uma vez que as mortes por desastre são repentinas, o choque do enlutado, ao receber a notícia da morte, tende a ser maior.

Estudos sobre as consequências psicológicas do luto demonstraram que as mortes súbitas, prematuras e inesperadas têm maior probabilidade de gerar problemas do que as mortes que são antecipadas, para as quais houve algum tipo de preparo. Parkes (2009) descreve outros fatores para o desenvolvimento do luto complicado como: violência ou mutilação, mortes com culpado (incluindo assassinos e suicidas) e mortes que não permitam a recuperação do corpo intacto. Estes tipos de perdas forma chamadas de perdas traumáticas.

No DSM-V (2014), o luto traumático está descrito no capítulo sobre condições para estudos posteriores, e define que este tipo de luto é aquele que ocorre devido a homicídio ou suicídio com preocupações angustiantes persistentes referentes à natureza traumática da morte (frequentemente em resposta a lembranças da perda), incluindo os últimos momentos do falecido, grau de sofrimento, lesão mutiladora ou a natureza maldosa ou intencional da morte.

De acordo com Franco (2015), o processo de luto decorrente de uma catástrofe tem características que devem ser consideradas fatores de risco para o indivíduo. Ao pensarmos em desastres, normalmente pensamos em perdas coletivas, violentas, que resultam na falta de um corpo para ser velado. Para Worden (2013), o impacto das mortes que acontecem de forma violenta ou traumática pode perdurar por muito tempo e quase sempre se transforma em um luto traumático, complicado. O luto desencadeado por desastres, sejam eles naturais ou tecnológicos, é definido por um evento que pode levar os envolvidos à uma situação de trauma, que se entende por um período de desequilíbrio psicológico que constitui um problema significativo e que vão demandar estratégias de enfrentamento específicas.

Para Parkes (1998), a pessoa enlutada sofre um tipo de colapso, desmonta após a perda e não raramente, é encaminhada ao serviço psiquiátrico pois seus sintomas traumáticos perduram por longos períodos transformando-se muitas vezes em um luto complicado. É comum que os enlutados que sofreram perdas inesperadas ou precoces estejam sempre envolvidos com as lembranças da pessoa que morreu e, se a morte tiver sido de um tipo particularmente violento ou doloroso, as lembranças serão conseqüentemente dolorosas. Ainda segundo o autor, estas lembranças persistentes parecem ser o impeditivo para que surjam lembranças felizes, dessa forma, interferem diretamente no processo do luto, essa pode ser uma das razões para a longa duração das reações traumáticas do luto.

Em seu artigo, Torlai (2019), relata que é indiscutível que nas situações emergenciais, as ações serão carregadas de reações emocionais intensas de acordo com o momento traumático vivenciado. De qualquer modo, uma atuação precoce a qualquer problema de saúde mental será a maneira mais efetiva para a prevenção de transtornos mais sérios que podem aparecer a médio e longo prazo.

3.4 O fazer do psicólogo dos desastres e emergências na prevenção do luto traumático

Para entender o fazer do psicólogo no contexto dos desastres é preciso primeiro conhecer as origens da psicologia dos desastres e emergências. De acordo com Alamo (2007), os primeiros estudos psicológicos e psiquiátricos sobre as consequências de desastres surgiram em 1909 com o trabalho de Eduard Stierlin em Zurique. Ele investigou o comportamento de 21 sobreviventes de um acidente com uma mina em 1905 e entrevistou cerca de 135 pessoas que sobreviveram ao terremoto de Messina na Itália, em 1908. Mas o estudo pioneiro foi o do médico psiquiatra Erich Lindemann, em 1944, com os sobreviventes e familiares das vítimas do incêndio da boate Coconut Grove, em 1942 que vitimou mais de 400 pessoas. Através deste estudo ele elaborou um informe clínico sobre as reações psicológicas agudas dos sobreviventes do incêndio e apontou que existiam diferenças entre as reações de cada indivíduo tanto durante o impacto quanto após e concluiu que não havia um comportamento padrão nas fases de choque e de recuperação.

Foi durante a Primeira Guerra Mundial que o termo *Shell Shock* foi criado designando o trauma psicológico apresentado pelos soldados em consequência dos combates vivenciados. Na Segunda Guerra, torna-se popular a expressão “fadiga de batalha”, substituindo o termo *Shell Shock*. Somente após a Guerra do Vietnã, o termo “estresse pós-traumático” para a ser reconhecido mundialmente e desde então, os sintomas apresentados pelos veteranos, mais profundamente estudados (MOORE, REGER, 2005).

As primeiras menções à psicologia dos desastres e emergências no Brasil surgiram em São Paulo por volta de 1983 na Coordenadoria Estadual de Defesa Civil, onde eram utilizados conceitos, métodos e técnicas psicodramáticas no intuito de capacitar os órgãos de gestão de desastres e profissionais de primeira resposta e torná-los capazes de não entrar em pânico e assim conseguir concluir suas atividades.

Diante das situações de emergência e de desastres em inúmeras áreas do Brasil nos últimos anos, é principalmente, de acordo com as consequências que estes eventos trouxeram para a população afetada e para a sociedade, o Sistema de Conselhos, formado pelo

CFP e pelos CRP, elaborou uma nota técnica, que foi publicada em 08 de maio de 2013, como o propósito de pautar o trabalho dos psicólogos neste contexto. Neste sentido, a psicologia dos desastres e emergências vem se desenvolvendo rapidamente no Brasil e é cada vez mais frequente encontrar profissionais da psicologia apontando para os efeitos danosos dos desastres em uma sociedade. Hoje é comum encontrarmos psicólogos fazendo parte de equipes de gestão de riscos coordenando ações preventivas junto à sociedade (SANT'ANNA FILHO, 2017).

Considerando que os desastres e emergências tem feito parte do cotidiano, Sant'Anna Filho (2017) postula que o psicólogo que atua nesta área deve ter formação específica para lidar com os diversos aspectos que estão envolvidos nestas situações como: aspectos preventivos, curativos, e pós-traumáticos do comportamento humano. Devendo contextualizar sentimentos individuais e coletivos, levando em consideração a importância da reconstrução da identidade, ressaltando a importância de que todos os envolvidos, vítimas, familiares, comunidade e profissionais, recebam assistência psicológica para manter a saúde mental.

Para Melo e Santos (2011), na fase da emergência, um psicólogo vai atuar direta ou indiretamente. Uma vez que os desastres implicam em perdas materiais e sociais, deixando impacto sobre as vidas dos sobreviventes, o psicólogo deve então ajudar a trabalhar as consequências do desastre nas vidas das vítimas, da comunidade e dos profissionais atuantes. Esta ação direta diz respeito ao atendimento às vítimas sobreviventes e aos familiares das vítimas por meio da escuta atenta, entrevista de apoio, ou mesmo sendo portador de informações básicas e precisas afim de ajudar a pessoa a se situar diante do caos. Em relação a ação indireta, é aquela que se refere à participação e preparação psicológica dos agentes que vão atuar diretamente na resposta às diversas ocorrências. Estes agentes devem ter consciência dos impactos que os desastres podem provocar em si mesmos e para isso devem se resguardar, estar atentos à dimensão e complexidade da tarefa e identificar suas próprias limitações.

É importante ressaltar que além dos psicólogos, no contexto do desastre, estarão empenhados nos resgates, no apoio e amparo às vítimas, os profissionais de primeira resposta, os agentes da Defesa Civil, bombeiros, policiais e profissionais da saúde. Todos estes profissionais também carecerão de atendimento psicológico uma vez que, para Sant'Anna Filho (2017), a exposição diária à cenários traumáticos faz com que estes profissionais carreguem uma carga emocional angustiante que poderá resultar em dificuldades

psicossociais próprias. Neste caso é preciso que programas de ajuda à gestão do estresse estejam disponíveis.

Sendo assim, Franco (2005), afirma que o profissional que atua exposto a situações de alto estresse, apresenta também reações que podem ser físicas e emocionais, portanto, isso requer que junto a um profundo conhecimento das técnicas que devem ser empregadas, o profissional também tenha consciência de aspectos relevantes de sua condição pessoal para exercer este tipo de atividade e então possa identificar suas necessidades de descanso, alívio e até mesmo afastamento da atividade, se assim achar necessário.

Os papéis destes profissionais são muitas vezes desempenhados sob difíceis condições, inclusive de acordo com as próprias causas do desastre. Locais insalubres, de difícil acesso, muitas vezes sob condições meteorológicas e climáticas instáveis e adversas como chuva, enchente, gelo, neblina, falta de visibilidade, fumaça, agentes tóxicos, ambiente poluído, com vítimas feridas ou mortos sendo resgatados. Portanto é importante levar em consideração que pela natureza de seus trabalhos, estes profissionais estão expostos continuamente a situações de risco psicológico (SANT'ANNA FILHO, 2017).

No que diz respeito às famílias enlutadas, Franco (2005), vai dizer que as reações a um desastre são muito variáveis e que não há como prever o tempo que as pessoas traumatizadas necessitarão para se recuperar. Já que existem fatores que podem contribuir ou impedir a recuperação destas pessoas, dependendo da existência ou não de rede de apoio na comunidade, ressalta-se ainda mais a importância de apoio psicológico especificamente dirigido a estas necessidades.

A pessoa enlutada em condições traumáticas está fragilizada e precisa de acolhimento, paciência e atenção; geralmente está desorganizada, incoerente, assustada, paralisada. Levando em conta estas condições peculiares, alguns cuidados são primordiais, na atitude em relação a esta pessoa. O que norteia nossa prática é o cuidado para não fazer com que a pessoa pare de sofrer rapidamente, pois isto seria um mecanismo de tamponamento de sua reação, com graves consequências. Assim sendo, cuidamos para não evitar o assunto e não desviar a conversa do tema (FRANCO, 2005, p. 03).

Ainda para Franco (2005), a intervenção psicológica em desastre e emergência deve procurar também restaurar ou elevar as capacidades adaptativas oferecendo às vítimas oportunidade de avaliarem e utilizarem apoio familiar ou da comunidade para que os sobreviventes possam organizar e interpretar cognitivamente o evento traumático.

Conforme Melo e Santos (2011), o psicólogo é um investigador do comportamento e do sofrimento humano e como tal deve estar preparado para agir em

situações críticas tendo em mente que sempre que ocorrerem reações inesperadas e desesperadas de pessoas que acabam de sofrer um evento adverso, podem ser respostas normais diante de eventos que não são normais, cabe a ele fazer esta distinção.

Para Parkes (2009), apesar das especialidades, o psicólogo precisa saber que além de desenvolver um relacionamento terapêutico com o enlutado deve ser sensível às necessidades culturais, emocionais e cognitivas do enlutado.

Segundo Franco (2015), em meio à emergência é inevitável a interferência do que acontece ao redor, não há um *setting* reservado para os atendimentos, o que coloca ainda mais desconforto na situação. É preciso ter em mente que não importa quantos anos o psicólogo tenha de experiência em desastres e emergências, sempre vai parecer algo novo e desafiador, inclusive o fato de não saber quem vai atender, nem por quanto tempo. Tudo muda e a atuação do psicólogo deve se adaptar ao que é possível fazer com os poucos recursos disponíveis.

O que se apresenta após um desastre, conforme Franco (2015), é a difícil missão de elaborar os fatos. Há a necessidade de significar tudo que houve, o sujeito precisa se redescobrir como pessoa e construir um novo mundo presumido para si. É a partir desse novo mundo que poderá então viver sua vida pós-desastre. Para a autora, o acolhimento ao enlutado é fundamental para a elaboração deste luto, o trabalho da psicologia dos desastres e emergências deve ser divulgado e oferecido em todo país e no mundo.

Sabe-se que em uma situação de desastre, o Estado é o primeiro que atua, De acordo com Paulino; Franco (2018), o Estado tem a obrigação de garantir as carências das vítimas de desastres, criando abrigos temporários se assim for necessário, ofertando pronto-atendimento, garantindo a distribuição de alimentos e remédios. Nesse contexto, um dos órgãos responsáveis por esta organização é a Defesa Civil. A partir do momento em que as vítimas, ou familiares de vítimas não conseguem se reestabelecer emocionalmente, a psicologia entra em ação.

Para Melo e Santos (2011), uma vez que o psicólogo conhece a importância dos vínculos e da preservação dos laços afetivos, tem condições de colaborar na gestão destes abrigos no sentido de defender a manutenção dos grupos familiares, mapear as necessidades especiais dos grupos prioritários como gestantes, idosos e pessoas com deficiência; promover atividades, lazer e recreação para as crianças, volta às atividades escolares assim que possível e ainda, junto à equipe multiprofissional, identificar os recursos disponíveis na localidade para inserção da população assistida nas atividades oferecidas visando assim, o retorno à

normalidade o quanto antes, evitando a permanência em sofrimento e conseqüentemente, o desenvolvimento do luto traumático.

Diante de um desastre a psicologia vai se deparar com uma vasta oportunidade de atuação, podendo utilizar das mais variadas técnicas e abordagens, em grupos ou individualmente, para acolher e ajudar os familiares das vítimas de forma adequada. O psicólogo fará uma avaliação das condições ambientais para assim escolher a melhor intervenção a ser utilizada de acordo com a situação da vítima, visando sempre prevenir respostas intensas ao desastre, possibilitar a regulação do estado emocional, minimizar as sensações desagradáveis e promover a reestruturação cognitiva (PAULINO; FRANCO 2008).

Segundo Costa et al (2015), além do acolhimento após o evento, o psicólogo será mediador das informações entre as vítimas e seus familiares, entre órgãos públicos e responsáveis pelos setores de distribuição de remédios, alimentos etc. O psicólogo também irá intervir nos hospitais, acompanhar os familiares em reconhecimento de pertences e corpos, fará atendimentos domiciliares, se assim lhe for solicitado, sempre visando medidas que possam assegurar a saúde mental do enlutado a curto, médio e longo prazo.

É importante perceber então que conforme Franco (2015) defende, quando o familiar recebe o suporte adequado, isto pode significar a grande diferença entre o enfrentamento defensivo e a possibilidade de transformação. Uma vez que para o enlutado, o que conta é uma base segura onde possa, ora ceder aos temores da não sobrevivência ao caos do desastre e ora voltar para o movimento de enfrentamento da perda e restauração. A autora ressalta ainda que a intervenção psicológica será especialmente positiva na busca de redução do estresse agudo à medida que instiga o sujeito a restaurar seu domínio cognitivo sob suas reações emocionais de forma que se sinta cada vez mais confiante e organizado para então compreender o momento vivido e a partir daí, retomar sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração este estudo apresentado, é possível compreender que a atuação do psicólogo nos desastres e emergências se faz cada vez mais necessária uma vez que a incidência destes fenômenos, principalmente no que diz respeito à desastres naturais têm aumentado muito nos últimos anos. É no contexto do desastre que a psicologia vai demonstrar mais uma vez a sua importância pois, sua intervenção está direcionada para restaurar e aprimorar a capacidade adaptativa da comunidade afetada.

Uma atuação imediata, especializada e adequada prestada às vítimas, familiares de vítimas fatais ou profissionais atuantes na área do desastre é de suma importância para prevenir as sequelas mentais e, principalmente, o luto traumático advindo das perdas repentinas e violentas ocasionadas por estes eventos.

Sendo uma área de atuação particularmente nova, é importante que a psicologia dos desastres e emergências seja cada vez mais divulgada aos profissionais da psicologia para que possam procurar especialização afim de atuar na área. Também é de grande importância que novas pesquisas sejam realizadas com foco maior na gestão de riscos, na atuação do psicólogo nos âmbitos dos desastres e emergências bem como realizar pesquisas para aprimorar os mecanismos de manejo do luto nestas condições.

REFERÊNCIAS

ALAMO, Santiago. Valero. **Psicologia en emergências y desastres: una nueva especialidad 2007**. Disponível em: <https://www.monografias.com/trabajos10/emde/emde.shtml>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-43, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2020.

BENEVIDES, Lúcia Rios da Silva. **A atenção psicossocial e as intervenções geradas em contextos de desastre: a experiência de profissionais em Teresópolis**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/13792>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CARNAÚBA Raquel. Arruda; PELIZZARI Claudia. Camargo. Arthou. Sant'Anna; CUNHA Samai. Alcira. Luto em situações de morte inesperada. Juiz de Fora: **Revista Psique**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 43-51, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/viewFile/945/724>. Acesso em: 08 dez. 2020.

CENAD. Brasília (DF). Ministério do Desenvolvimento Regional. Codificação Brasileira de Desastres, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/informacoes-uteis/centro-nacional-de-gerenciamnto-de-riscos-e-desastres-cenad>. Acessos em: 14 out. 2020.

CORDIOLI, Aristides Volpato (org.). **Psicoterapias: abordagens atuais**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

COSTA, Cristina. Foloni. Delduque. O atendimento psicológico em emergência: diferentes settings. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática**. São Paulo; Summus, 2015. p. 105-146.

FRANCO, Maria Helena Pereira. (orgs.). **A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 2, p.177-180, ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 dez. 2020.

GUERREIRO, Emanuel. A Ideia de morte: do medo à libertação. **Diacrítica**, Braga, v. 28, n. 2, p. 169-197, 2014 Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.

MELO, Cecília Araujo; SANTOS, Felipe Almeida dos. As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. **Psicol. inf.**, São Paulo, v. 15, n. 15, p. 169-181, dez. 2011 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092011000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2020.

MONTEIRO, Rosa. (2019) A ridícula ideia de nunca mais te ver. Tradução: M. SANCHES. São Paulo: Todavia. Título original: La ridícula ideia do no volver a verte

PARKES, Colin. Murray. (1998). **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução de: M. H. P. Franco. São Paulo: Summus. Título original: Bereavement

PARKES, Colin. Murray. (2009). **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. Tradução de: M. H. P. Franco. São Paulo: Summus. Título original: Love and loss: the roots of grief and its complications.

PAULINO, A. F.; FRANCO SANT'ANA, F. G. A atuação do psicólogo frente às emergências e desastres. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS**, v. 5, n. 1, p. 99, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5309>. Acesso em: 08 maio. 2021.

SANTANA FILHO, Osvaldo.; LOPES, Daniela. (orgs.). **O Psicólogo na redução dos riscos de desastres**: teoria e prática. 1.ed. São Paulo: Hogrefe, 2017.

SOUSA, Luiza Erida Elmira Martins de. O processo do luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n 25, p.253-272, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2021.

TORLAI, Viviane. **A vivência do luto em situação de desastres naturais**. 2010 Dissertação, (Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/22/TDE-2010-12-01T11:13:34Z-10308/Publico/Viviane%20Cristina%20Torlai.pdf. Acesso: 12 out. 2020.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. 4. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

WALSH, Froma. **Morte na família**: sobrevivendo as perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WORDEN, William. **Aconselhamento e terapia do luto um manual para profissionais da Saúde Mental**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.